

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

JON FOSSE

um novo nome
septologia VI-VII



cavalo de ferro

Apenas louco! Apenas poeta!
Friedrich Nietzsche

VI

E vejo-me de pé a olhar para as duas linhas que se cruzam mais ou menos a meio, uma castanha e outra roxa, e vejo que pintei as linhas devagar com muita tinta de óleo espessa e que escorreu entretanto, e onde a linha castanha e a roxa se cruzam as cores misturaram-se harmoniosamente e eu penso que já não suporto mais olhar para esta pintura, pois já estive ali no cavalete durante muito tempo, talvez um par de semanas, portanto agora ou tenho de apagá-la pintando-a por cima com tinta branca ou tenho de retirá-la dali e levá-la para o sótão, para a água-furtada onde guardo as pinturas que não quero vender, mas este pensamento tenho eu tido dia após dia, penso eu, e depois agarro no quadro pela parte interior do caixilho e solto-o novamente e apercebo-me de que eu, que passei toda a minha vida desde garoto a pintar com tinta de óleo sobre tela, já não tenho vontade de pintar mais, todo o prazer que sentia a pintar desapareceu, penso eu, e há um par de semanas que não tenho pintado nada, e nem uma única vez retirei o bloco de esboços da mala de couro castanha a tiracolo que está pendurada por cima da pilha de pinturas que pus de parte, ali entre a porta do corredor e a porta do quarto, e penso que quero ver-me livre desta pintura e quero ver-me livre do cavalete, e dos tubos de tinta de óleo, sim, de tudo, quero ver-me livre de tudo o que está espalhado em cima da mesa grande da sala, de tudo o que tem que ver com pintura e que está nesta divisão que tem sido uma sala de estar e ao mesmo tempo um ateliê de pintura, e assim tem sido desde que a Ales e eu nos mudámos para cá há muito muito tempo, porque tudo isso

agora me atormenta e tenho de ver-me livre disso, de fazê-lo desaparecer daqui, não percebo o que se passou comigo, mas alguma coisa foi, alguma coisa se passou, e o que quer que tenha sido, no fundo tanto se me dá, penso eu, e ouço o Åsleik dizer cruz de Santo André, acentuando a expressão, dando à expressão aquela ênfase asquerosa que ele usa como que para provar que também ele sabe coisas, cheio de orgulho provinciano, simplório como é, o Åsleik, sim, a palavra certa é simplório, penso eu, e penso que lhe prometi que iria com ele até Øygna para festejar o Natal com a Irmã, tal como ele lhe chama, em casa da tal mulher cujo nome é Guro, e para mim talvez seja melhor, uma vez que se eu ficar em casa sozinho não farei mais nada do que limitar-me a ficar deitado na cama, e nem sequer irei levantar-me, bem, talvez me levante para ir buscar água se tiver sede e comida se tiver fome, de contrário irei ficar deitado na cama ali dentro do quarto sem acender a luz para o manter tão escuro quanto possível, e irei tentar dormir, e irei tentar não pensar em nada, pois quero que tudo fique vazio, sim, vazio e silencioso, sim silencioso, sim silencioso e escuro, porque a única coisa de que sinto falta é de silêncio, sim, quero que tudo fique em silêncio absoluto, quero que um silêncio desça sobre mim e me cubra como neve, sim, quero que um silêncio desça sobre tudo o que existe, incluindo eu, sim, que desça sobre mim, quero que um silêncio neve sobre mim e me cubra, me torne invisível, torne tudo invisível, faça desaparecer tudo, penso eu, mas todos estes pensamentos irão desaparecer, todas as imagens que tenho acumuladas na memória e que me atormentam irão desaparecer e eu ficarei vazio, simplesmente vazio, transformar-me-ei num vazio silencioso, numa escuridão silenciosa, e talvez seja a paz de Deus aquilo em que agora penso, ou talvez não seja? talvez não tenha nada que ver com aquilo a que chamamos Deus? penso eu, e pergunto-me se é sequer possível falar de Deus, se isso faz algum sentido, pois não será Deus simplesmente algo que é, e não algo de que se possa falar? penso eu, e penso que rezar, sim, rezar o terço à minha maneira ainda me faz sentir bem, e ir à missa também, mas o percurso de carro até Bjørgvin é longo,

em todo o caso conduzir para lá e para cá no mesmo dia é demasiado e não me agrada fazer isso, penso eu, e também já pernoitei suficientes vezes na Residencial, penso eu, mas todos os anos tenho ido à missa no dia de Natal, e este ano fá-lo-ia também se não fosse festejar a véspera de Natal com o Åsleik a casa da Irmã, portanto este ano não vai haver Missa de Natal para mim, penso eu ali parado em frente do cavalete, e depois vou pôr-me de pé diante da janela a olhar lá para fora e embora esteja escuro consigo ver o caminho de acesso à quinta que mandei construir até lá abaixo à estrada municipal e vejo o mar, apenas mar e ilhotas e escolhos, sim, vejo o Lago Sygne, e depois, lá ao longe, vejo o oceano, sim, o estuário do fiorde para o mar aberto, apesar de estar escuro consigo ver tudo nitidamente e penso que tenho de fazer desaparecer aquela pintura, retirá-la dali, já não quero olhar mais para ela, já não quero tê-la ali na sala, tenho de livrar-me dela, penso eu, e volto para junto do cavalete, pego nela pela parte interior do caixilho, retiro a pintura do cavalete e coloco-a na pilha onde estão as pinturas inacabadas, por baixo do gancho onde está pendurada a minha mala de couro castanha a tiracolo, entre a porta do quarto e a porta do corredor, por cima da pilha de quadros que ainda não me satisfazem, olho para a parede ao lado da porta da cozinha e aí não resta nenhuma pintura, dado que há um par de semanas levei as pinturas para a Galeria Beyer em Bjørgvin, penso eu, e dou pelo *Brage* ali parado à porta da cozinha a olhar para mim, e é como se ele tivesse pena de mim, penso eu, sim, é como se ele me quisesse confortar mas não soubesse como fazê-lo, e vejo aqueles seus olhos caninos e é como se compreendessem tudo, sim, como se nada lhes escapasse, penso eu, e o *Brage* anda sempre à minha volta, quando estou deitado no divã ele vem sempre estender-se ao meu lado e assim que me deito à noite na minha cama no quarto ele segue-me e pula para cima da cama, não, a vida nunca teria sido tão boa sem um cão, sem o *Brage*, penso eu, mas o Asle vai melhorar dentro em breve e eu vou ter de devolver-lhe o *Brage*, penso eu, e então hei-de arranjar um cão só para mim, com toda a certeza, penso eu, porque nunca antes tive um cão, se bem que tivesse pensado

muitas vezes que gostaria de ter um, fiquei-me pelo pensamento de que haveria de arranjar um cão, e um barco também, um bote de Barmen, mas até agora não passou de mero pensamento

Sim, companheiro *Brage*, digo eu

e ele começa de imediato a abanar o rabo e eu penso que ele precisa de sair

Sim, *Brage*, agora podes sair e dar uma voltinha, digo eu

e vou abrir a porta da frente e o *Brage* sai logo e corre para a neve, agora não está a nevar mas faz mais frio, sim, está de facto uma noite fria e límpida e vejo nitidamente as estrelas a brilhar lá em cima no espaço, e vejo a Lua enorme, redonda e amarela, penso eu, e penso que é Deus que brilha desde a Lua, e desde as estrelas, sim, de certo modo, apesar de Ele não ser algo, e de não ter um como nem ter um porquê, sim, porque Deus não tem um porquê tal como não o tem a Lua, ou como não o têm as estrelas, a Lua está simplesmente onde está, as estrelas estão simplesmente onde estão, sim, uma flor está simplesmente onde está, e também um veado, porque tanto a Lua como as estrelas, como as flores, como os veados simplesmente são o que são, mas todos eles têm o seu como, contrariamente a Deus, penso eu, e sinto frio, hoje é sexta-feira e é noite e amanhã é antevéspera de Natal, e este ano vou com o *Åsleik* festejar o Natal com a irmã dele Guro, em *Øygna*, pois todos os anos, depois de o tal Tocador de Violino ter deixado a Irmã, o *Åsleik* me pergunta se quero acompanhá-lo, porque enquanto a Irmã e o Tocador de Violino viveram juntos, o *Åsleik* não festejava o Natal em casa dela, e seguramente ao longo dos últimos dez anos eu tenho-lhe dito que prefiro ficar sozinho no Natal, mas este ano não me apetece ficar sozinho, para dizer a verdade, nada me apetece, e de qualquer modo não me apetece realmente pintar mais, o que até é bastante estranho, penso eu, e chamo o *Brage* e ele vem a trotar e entramos no corredor e ele sacode-se, sacode toda a neve que tem em cima, e eu volto a fechar a porta da rua e entro na dita sala e ateliê que em breve será somente sala e então sinto-me cansado, deveria ter ido deitar-me, penso eu, mas vou sentar-me na minha cadeira

junto da mesa redonda a olhar lá para fora para a escuridão, para o meu ponto de referência, para o meu ponto de referência fixo ao longe, no meio do Lago Sygne, olho para as ondas e vejo o Asle sair do seu quarto de estudante na Rua da Universidade n.º 7, que ele tem alugado em casa da Herdis Åsen, e ir para a Escola de Belas-Artes e ele pensa que todos os dias desenha com modelo, durante três horas, um estudo do corpo humano, assim se chama, e também têm duas horas por semana de História de Arte, e talvez seja daí que ele tira maior proveito, o docente, o Professor Christie, é professor de História de Arte na Universidade de Bjørgvin, e o que o marca mais não é tanto o que o Professor Christie diz mas os diapositivos de obras de arte que ele mostra, pensa o Asle, e o Professor Christie diz que é evidente que os grandes artistas fazem a diferença ao trazerem algo de novo ao mundo com a sua arte inteiramente única e própria, sim, eles criam um novo modo de olhar nunca antes conhecido, e depois de um desses artistas ter concluído a sua obra, passamos a ver o mundo com um novo olhar, dizia o Professor Christie, mas eram as imagens que ele mostrava o que mais impressionava o Asle, bem como os livros que ele indicava, e que era possível requisitar na Escola de Belas-Artes, porque lá havia uma grande biblioteca, mas as listas de espera eram longas, por exemplo ele tinha posto o nome numa dessas listas para um livro com pinturas de Lars Hertervik e acabou por ter de esperar três meses até poder requisitar o referido livro, e afinal só pôde ficar com ele durante um mês, pensa o Asle, mas depois encontrou por acaso um pequeno livro com pinturas de Lars Hertervik numa livraria de Bjørgvin e comprou então esse livro que não era assim tão grande, cabia perfeitamente no bolso interior do seu casaco de veludo preto e começou a trazê-lo sempre consigo dentro do bolso, levava-o para todo o lado e olhava para as imagens sempre que podia, quando estava sentado no banco de um parque ou quando estava sozinho sentado na Cafeteria Kaffistova ou na Casa de Pasto, e também havia o Museu de Arte de Bjørgvin, sim, e talvez tivesse sido daí que o Asle tirou maior proveito, porque na verdade ele nunca tinha visto pinturas autênticas antes de se ter mudado

para Bjørgvin, logo no primeiro dia de aulas na Escola de Belas-Artes os estudantes foram informados, sim, foi o próprio Eiliv Pedersen que o disse, que deviam visitar o Museu de Arte de Bjørgvin tantas vezes quanto possível, e deviam permanecer sentados uma ou até várias horas a contemplar um único quadro, mas se nunca lá tivessem estado antes podiam igualmente colher uma impressão geral sobre toda a colecção de arte o quanto antes, dizia ele, e depois deviam escolher uma pintura e conhecê-la em profundidade, e para esse efeito podiam até fazer estudos da mesma ou então fazer um estudo em diálogo com a pintura, dissera o Eiliv Pedersen, pensa o Asle, e se viessem a ser pintores de qualidade talvez um belo dia o Museu de Arte de Bjørgvin acabasse por comprar uma das pinturas deles, ou até mais do que uma, e isso seria uma grande honra, dissera ele, sim, a maior honra além da de ser Artista Convidado do Festival de Bjørgvin e além da possibilidade de o Museu Nacional de Arte em Oslo comprar uma ou várias das pinturas deles, dissera ele, pensa o Asle, e pensa que já ficará bastante satisfeito se puder pintar quadros e conseguir ganhar o suficiente que lhe permita viver disso, pensa ele, e eu estou aqui sentado junto da mesa redonda a olhar lá para fora para a escuridão e apesar de estar escuro consigo ver a água, ver as ondas ao longe no meu ponto de referência fixo a meio do Lago Sygne, sim, consigo ver a água, ver as ondas tão nitidamente como se fosse dia claro, e esta noite o lago está bastante tranquilo, penso eu aqui sentado enquanto me posiciono na direcção do mesmo ponto do lago, sensivelmente a meio do Lago Sygne há um ponto que é o meu ponto de referência, penso eu, e penso que o Åsleik virá a minha casa esta noite comer bacalhau, mas eu não tenho muita vontade de receber visitas, pois não me sinto com forças para fazer o que quer que seja, nem sequer estar aqui sentado na minha cadeira, penso eu, mas em algum sítio tenho de estar, e alguma coisa tenho de fazer, e amanhã é antevéspera de Natal e a seguir vem a véspera de Natal, e eu disse ao Åsleik que irei com ele festejar o Natal em casa da Irmã, e de manhã cedo ou antes do meio-dia da véspera de Natal iremos até Øygna no barco dele, o *Sjarken*, tal como combinámos,

penso eu, e olho para o meu ponto de referência fixo, olho para as ondas ao longe, e então vejo a Ales e o Asle a caminhar de mãos dadas

Nem posso acreditar que nos tenhamos encontrado, diz a Ales

Sim, diz o Asle

É incrível, diz ela

Pois é, diz ele

e continuam a caminhar de mãos dadas

E que nos tivéssemos tornado um casal logo quando nos conhecemos, diz a Ales

Sim, e justamente no Café do Terminal, diz ela

Sim, diz o Asle

Aconteceu simplesmente, diz ela

e a Ales sorri e o Asle sente como é agradável segurar a mão dela na sua e não compreende bem o que lhe está a acontecer nem o que aconteceu, pensa ele, pois estava simplesmente sentado no Café do Terminal e de repente a Ales também lá estava, sim, apareceu como que do nada e sentou-se e os olhares deles cruzaram-se, pensa ele, e a Ales diz que é muito estranho, pois nunca costuma ir àquele café, ao Café do Terminal, porque não tem muito boa reputação, diz ela, portanto hoje foi a primeira vez que lá entrou, para dizer a verdade, diz ela, e porque teria ela ido ao Café do Terminal justamente hoje, e porque estaria o Asle lá sentado justamente hoje, não, ela não consegue compreender, ou, melhor, consegue compreender, porque foi a vontade de Deus, diz ela, e o Asle ouve o que ela está a dizer mas está inteiramente envolvido no agradável calor da mão dela e então chegam a uma rua larga e a Ales diz que esta é a Rua Høg, e além, na Rua Høg n.º 1, diz ela, e ela aponta, naquele grande edifício branco, fica a Galeria Beyer, que é sem dúvida a maior e mais importante galeria de arte de Bjørgvin, e ela tem ido lá visitar todas as exposições desde que era rapariguinha, porque a sua mãe Judit gosta de ir a exposições, ela é natural da Áustria, oriunda de uma pequena cidade nos arredores de Viena, uma cidade com o belo nome de Hainburg an der Donau, já o pai da Ales era norueguês, da Noruega ocidental, como qualquer outro dali,

era natural de um lugarejo chamado Dylgja, onde não vive quase ninguém, mas a irmã dele, a velha Alise, ainda lá vive numa bonita casa branca antiga, diz ela, e o Asle diz que já ouviu o nome Dylgja mas não sabe muito bem onde fica e a Ales diz que a região é bonita, fica situada mesmo junto do Lago Sygne, sim, o lago onde vai desaguar o Fiorde Sygne, antes de se dirigir para o oceano, diz ela, e depois diz que o pai era um bom homem e que, sendo um rapaz de província, como ele costumava intitular-se, especialmente depois de ter bebido uns copos, sim, ele, o tal rapaz de província tornou-se médico, e foi durante o tempo em que estudou Medicina na Áustria que conheceu a mãe Judit, e após ele ter concluído a sua formação em Medicina mudaram-se para a Noruega e vieram residir em Bjørgvin, e posteriormente começaram ambos a trabalhar no Hospital de Bjørgvin, e a mãe Judit ainda lá trabalha, sim, como enfermeira, diz a Ales, e, tal como o pai dela costumava dizer, não era mau de todo para um rapaz de Dylgja tornar-se médico, mas, diz a Ales, no ano passado ele morreu de repente e ainda não tinha assim muita idade, e foi certamente por beber demasiado, bebia tanto que morreu disso, diz a Ales, mas ela não quer falar disso nem pensar nisso agora, não hoje, o dia em que ela e o Asle acabaram de se conhecer, diz ela, e o Asle olha para o relógio e pergunta se não podem ir de imediato à Rua da Universidade n.º 1, ele tem receio de chegar atrasado, diz ele, pois a senhora que vai alugar-lhe o quarto combinou com ele lá às três horas, diz ele, e a Ales diz que podem obviamente, mas têm tempo de sobra, diz ela, e descem a chamada Rua Høg e então a Ales praticamente arrasta-o para uma viela que ela diz chamar-se Smalgangen, que significa passagem estreita, e o Asle vê um letreiro onde diz Smalgangen, e como é de facto estreita

Esta é uma das vielas mais estreitas de Bjørgvin, diz ela

e o Asle não diz nada e eles descem a Smalgangen de mãos dadas e então a Ales pára de repente e põe os braços em volta do Asle e pressiona a sua boca contra a dele e ficam ambos ali parados com as línguas na boca um do outro e depois soltam-se subitamente e voltam

a dar as mãos e descem a Smalgangen e a Ales diz que se virarem à direita e seguirem por essa rua podem ver a Residencial, o hotel onde costumam ficar hospedados muitos dos que vivem nas aldeias em redor e visitam Bjørgvin, e no primeiro piso fica a Kaffistova, uma das cafeterias mais agradáveis de Bjørgvin, ela própria vai lá com frequência, e fica sentada a desenhar esboços, diz ela, mas o que realmente mais gosta de fazer é sentar-se a uma mesa e olhar discretamente para esta ou aquela pessoa e depois tentar desenhar um retrato da mesma, diz a Ales, e a seguir diz que o Asle teve realmente sorte em ter já conseguido um lugar na Escola de Belas-Artes, e depois diz que hoje não vão virar à direita para irem à Kaffistova, isso podem eles fazer noutra dia, irão virar já à esquerda e quando chegarem ao fim da rua irão ver a Praça do Peixe, e quando chegarem ao fim dessa rua, podem simplesmente virar à direita, seguir em frente e assim chegarão à Rua da Universidade, diz a Ales, e diz que o nome dele é Asle e o nome dela é Ales, mas isso é tudo o que sabem um do outro, ou em todo o caso quase tudo, diz ele, e então talvez se possam sentar algures e simplesmente estar juntos, por assim dizer, diz a Ales, e então chegam à Praça do Peixe e ela aponta para um banco à beira do lago, com vista para a Baía, e eles vão sentar-se nesse banco e o Asle põe a mala de couro no colo, abre-a, tira o bloco de esboços e escreve o seu endereço em Aga, e depois escreve Rua da Universidade n.º 7, e depois diz que já está praticamente na hora de irem à Rua da Universidade n.º 7 e a Ales diz que se a memória não lhe falha ele tinha dito antes n.º 1 e não n.º 7 e o Asle diz que traz consigo no bolso do casaco a carta da senhora que lhe vai alugar o quarto pelo que pode sempre confirmar, diz ele e puxa da carta e esta diz Rua da Universidade n.º 7, diz ele, e diz que a senhora que lhe vai alugar o quarto se chama Herdis Åsen e a Ales diz que fica um pouco ciumenta só de o ouvir dizer o nome dela e o Asle diz que se trata de uma senhora idosa e a Ales pergunta-lhe como é que ele sabe e o Asle responde que sabe porque falou com ela por telefone, e então ouviu pela voz dela que se tratava de uma senhora idosa de Bjørgvin e diz que a tal senhora Herdis Åsen lhe contou que

durante muitos anos tinha tido como inquilino um estudante de Hardanger, mas agora ele já havia terminado os estudos, dissera ela, e que gostaria que o próximo inquilino também fosse alguém de Hardanger, diz o Asle, e então destaca a folha do bloco de esboços onde escreveu o seu endereço e entrega-a a Ales e a seguir passa-lhe o bloco de esboços e o lápis e ela escreve o seu nome, o seu endereço e um número de telefone e diz-lhe que é ali que vive com a mãe Judit, elas moram sozinhas num apartamento não muito longe da Kaffistova, e é por isso que ela lá vai frequentemente para se sentar em paz e sossego a desenhar os seus esboços, tal como tinha pensado fazer hoje por exemplo, mas quis ir primeiro dar uma volta e passou pelo Terminal dos Autocarros onde viu o letreiro que dizia Café do Terminal e então pensou que nunca tinha ali estado e que podia ser simpático entrar para ver como era, pensara ela, porque tinha ouvido coisas muito diferentes acerca daquele café, diz ela, e ainda bem que lá entrou e que os dois puderam encontrar-se e a partir de agora eles vão ter de escrever cartas um ao outro, bem, até que o Asle se mude para Bjørgvin e ele diz que isso já não vai demorar muito tempo, assim que ele alugar o quarto em casa da senhora Herdis Åsen irá deixar de imediato a Escola Secundária e desistir do quarto em Aga e provavelmente conseguirá trazer consigo todos os seus pertences na bagageira do autocarro, e depois terá de apanhar um táxi desde o Terminal de Autocarros até ao quarto na Rua da Universidade, diz ele, e a Ales diz-lhe que certamente pode ajudá-lo na mudança, quando chegar a altura, diz ela, e o Asle pega no bloco de esboços e no lápis que a Ales lhe devolve

Sim, esse é o número de telefone da minha mãe, mas é claro que podes ligar para esse número, diz ela

e o Asle diz que não tem nenhum número de telefone próprio, mas a senhora a quem ele provavelmente vai alugar o quarto dissera que tinha telefone e que o Asle podia usá-lo, desde que não fizesse nem recebesse demasiados telefonemas, dissera ela, e ele pensou logo que nunca iria usar o telefone, mas já que a Ales lhe tinha dado o número dela então também ela poderia ficar com o dele e ele irá dar-lho, diz

o Asle, e a Ales diz óptimo, é bom que possam contactar-se por telefone, diz ela, e a seguir entrega ao Asle a folha destacada e ele copia para lá o número de telefone da carta que a Herdis Åsen lhe enviou e devolve-lhe a folha e a Ales diz que em breve terão de ir andando se ele quiser cumprir o combinado com a senhora Herdis Åsen, na Rua da Universidade n.º 7, diz ela, e o Asle volta a pôr o bloco de esboços e o lápis dentro da mala a tiracolo e os dois caminham de mãos dadas, a Ales e o Asle, e atravessam a Praça do Peixe e sobem uma rua que o Asle não conhece

É incrível que nos tenhamos conhecido hoje, diz a Ales

Sinto-me tão alegre, sim, tão feliz, diz ela

Foi obra de Deus, diz ela

e o Asle não diz nada mas sente como é bom sentir o calor que emana da mão da Ales, e como as mãos de ambos encaixam bem, de certa forma, tudo parece bater certo, e tudo é tão simples, e nada é constrangedor ou errado ou difícil, tudo é claro e óbvio, pensa o Asle enquanto caminha ao lado da Ales sem dizer nada, e então a Ales aponta e diz ora ali está, é ali naquele pátio que vive a tal senhora Herdis Åsen, e o Asle diz que é no sexto piso e a Ales diz que pode subir com ele e o Asle põe a mão na porta de entrada e constata que está aberta e a Ales diz que a Herdis Åsen deve ter deixado a porta aberta porque ele ia chegar, diz ela, e eu estou sentado na cadeira junto à janela a olhar para o meu ponto ao longe no Lago Sygne, o ponto para onde olho sempre, o meu ponto de referência fixo, olho para as ondas ao longe e penso que é como se o tempo simplesmente tivesse parado, algo que nunca experimentei antes, e olho para a cadeira vazia em que a Ales costumava sentar-se, a cadeira que era dela, e a cadeira está vazia, e no entanto a Ales continua ali sentada, penso eu, porque agora consigo sentir nitidamente que a Ales está ali sentada, daquele modo que eu muitas vezes consigo vê-la, penso eu, e olho de novo para a água, para o Lago Sygne, para o meu ponto ao longe e consigo sentir muito claramente que a Ales está ali sentada na cadeira ao meu lado e penso que já passaram muitos anos desde que a Ales

morreu, ela morreu e eu perdi-a muito cedo, acabámos por não passar assim tantos anos juntos, e filhos, não, filhos nunca tivemos, por isso agora estou sozinho, e também já passaram muitos anos desde que os meus pais morreram, primeiro a Mãe, e não muito depois dela faleceu o Pai, e a minha irmã Alida já tinha morrido há muito tempo, quando eu ainda era um rapazinho, penso eu, e morreu tão de repente, ali jazia morta no seu leito simplesmente, penso eu, e não quero pensar nisso, e penso que devia ter ligado para o Hospital a perguntar como está o Asle, mas já é demasiado tarde, agora é de noite e eu já telefonei tantas vezes, e dão-me sempre a mesma resposta, que ele precisa de repouso e que não pode ter visitas, penso eu, portanto é melhor eu telefonar amanhã, na antevéspera de Natal, penso eu, pois nas últimas duas semanas tenho telefonado quase todos os dias e perguntado se posso lá ir visitar o Asle e a senhora da recepção do Hospital com quem falo diz sempre que é melhor ele não receber visitas, pois os médicos dizem que ele necessita descansar, e que não lhe vai fazer bem ter visitas, diz ela, e quando pergunto como é que ele está, ela responde sempre que não há nada de novo, que o estado dele não sofreu alterações, penso eu, mas o Asle tem filhos, penso eu, tem o Menino, que já é adulto e vive em Oslo, é o filho que ele teve com a Liv e que entretanto cresceu, e depois tem o Rapaz e a Filha, frutos do seu segundo casamento, com a Siv, mas a mãe deles levou-os quando foi viver com um homem para Trøndelag, e esses filhos ainda não serão adultos, penso eu, e penso que o Åsleik virá esta noite comer bacalhau em minha casa, dado que este ano é a minha vez de o convidar para o jantar de bacalhau, porque uma vez em cada Advento comemos juntos bacalhau e costeletas de carneiro, um ano eu sirvo o bacalhau e o Åsleik serve as costeletas de carneiro e no ano seguinte fazemos ao contrário, e todos os anos voltamos a comer juntos costeletas de carneiro na véspera de Ano Novo, um ano em casa do Åsleik e no ano seguinte em minha casa, e este ano sou eu quem vai organizar o jantar de costeletas de carneiro na véspera de Ano Novo, penso eu, e costumo sentir prazer nessas refeições, mas este ano não me souberam

particularmente bem as costeletas de carneiro que comi em casa do Åsleik, e agora sinto que é uma empresa difícil ter de preparar a refeição, é como se eu já não soubesse descascar batatas e cenouras ou cortar o *bacon* em pedaços, mas terei de o fazer simplesmente, penso eu, e olho para o relógio e penso logo na Ales, pois este relógio ofereceu-mo ela uma vez como presente de Natal, penso eu, sim, primeiro andei muitos anos com um relógio que tinha recebido da Avó como presente de crisma e depois recebi este relógio da Ales e desde então tenho andado sempre com ele, penso eu, e vejo que o Åsleik pode aparecer a qualquer momento, pelo que tenho de pôr a mesa e pôr as batatas a cozer, penso eu, e então levanto-me e afasto-me da janela e olho para o cavalete vazio e sinto-me como que a transbordar alegria e então entro na cozinha e tiro os pratos e os talheres e ponho a mesa na cozinha como faço sempre, e junto ao prato do Åsleik ponho uma caneca para cerveja e um copinho para vodca e junto ao meu prato ponho apenas um copo simples para água e penso que provavelmente posso começar a cozer as batatas de imediato, penso eu, e descasco as batatas e as cenouras e depois ponho as batatas numa panela com água e sal e ligo a placa do fogão, que é uma boa placa e aquece rapidamente, por isso não vai demorar muito tempo até que a água comece a ferver e então reduzo o calor para o mínimo, mas mesmo assim a água continua a ferver mais do que o necessário, mas agora é como é, sim, e provavelmente não tem importância, penso eu, e ponho as cenouras na panela e agora posso começar a fritar o *bacon* imediatamente, penso eu, e corto o *bacon* em pedaços e deito-os numa frigideira e ligo outra placa e não demora muito até começar a estalar e a crepitar na frigideira, é uma velha e boa frigideira de ferro fundido que já cá estava quando a Ales e eu nos mudámos para esta casa, sim, já cá estava como tantas outras coisas, e tal como tantas outras coisas que ficaram cá em casa também esta por cá ficou, penso eu, e hoje não me tenho sentido lá muito bem, penso eu, mas o aroma apetitoso do *bacon* frito espevita-me um pouco, e de repente apercebo-me de que estou com fome, não comi nada o dia inteiro, pois não? penso eu, e apesar

de tudo o bacalhau é um dos melhores pratos que conheço, talvez o melhor de todos, penso eu, e vejo as grandes postas de peixe ali ao lado e ponho uma grande caçarola, com água e muito sal, em cima de outra placa do fogão e ligo-a no máximo, mas as postas de peixe só vou pô-las dentro da água a ferver quando o Åsleik chegar, pois temos de ser muito rigorosos quando cozemos bacalhau, temos de estar com muita atenção o tempo todo, para que o peixe fique cozido no ponto exacto, nem demasiado cozido, ficando a desfazer-se, nem malcozido, ficando duro e intragável, penso eu, e obviamente temos de garantir a todo o custo que o *bacon* não fica esturricado, pelo que é importante tê-lo debaixo de olho, penso eu, e desligo a placa onde está a frigideira e viro o *bacon* e fico parado a olhar para ele e viro-o diversas vezes e depois retiro a frigideira e mudo-a para uma placa fria e então ouço o chiar e o ranger do tractor do Åsleik e vou até ao corredor e fico parado junto à porta da rua e o *Brage* vem pôr-se ao meu lado e vejo o tractor do Åsleik virar a esquina e parar e depois vejo o Åsleik sair da cabina do condutor e encaminhar-se na minha direcção

O jantar está quase pronto, digo eu

Vai cair bem a comida, diz o Åsleik

De facto tenho muita fome, diz ele

e nós entramos e o Åsleik descalça as botas no corredor e despe o macacão térmico e tira o gorro de pele com abas sobre as orelhas e a seguir entra na sala e eu sigo-o e ele diz que a sala está realmente um pouco fria e vai até ao fogão de sala e diz que ainda há umas brasas no meio da cinza e deita um novo toro de madeira e eu saio para a cozinha e vejo que a água já está a ferver e deito o bacalhau, posta a posta, dentro da água a ferver e o Åsleik entra na cozinha e diz que se esqueceu da vodca e da cerveja no tractor e que tem de ir buscar as garrafas

Porque em tua casa não há coisas dessas para beber, diz ele

Eu já bebi o que tinha a beber, digo eu

Pois sim, diz o Åsleik

e sai e entretanto pus todas as postas de bacalhau na água a ferver e fico ali de pé a vigiar e o Åsleik volta a entrar na cozinha e diz que

a Irmã de facto ficou contente quando soube que eu ia festejar o Natal com eles este ano, genuína e estranhamente contente, diz ele, e eu digo que ele deve limitar-se a servir o seu copo

Sim, já pus a mesa, como podes ver, digo eu

E a comida está quase pronta, digo eu

e o Åsleik pede um abre-garrafas e eu vou buscar-lhe um e então ele abre a sua garrafa de cerveja e vai sentar-se no banco ao longo da mesa de cozinha, junto à parede e serve-se de cerveja e de vodca, bebe um pequeno trago de vodca e depois volta a dizer que sim, na verdade ele nunca teria imaginado que a Irmã pudesse ficar tão contente por eu ir lá passar o Natal este ano, diz ele, e então eu vou buscar a comida e coloco-a em cima da mesa e depois sento-me no topo da mesa e servimo-nos e comemos sem que nenhum de nós diga nada

Hoje não estás nos teus dias, diz o Åsleik

Pois não, talvez me sinta um pouco cansado, digo eu

Mas é assim que deve ser no dia antes da antevéspera de Natal, como costumávamos dizer quando éramos miúdos, diz ele

Se calhar vocês também diziam isso, diz ele

e eu digo-lhe que sim, que dizíamos

Pois isso faz parte da correria e da excitação do Natal, diz ele

e ficamos ali sentados a comer em absoluto silêncio e o Åsleik bebe a sua cerveja e saboreia a vodca e eu penso que talvez ele me possa ajudar a carregar as pinturas e os materiais de pintura lá para cima para o sótão, porque agora já não consigo pintar mais, nem sequer isso, e quanto ao motivo por que de repente senti que não queria pintar mais, também é algo sobre o qual não sei dizer nada, e penso que posso perguntar ao Åsleik se ele quer ajudar-me a carregar para o sótão a pilha de quadros que está encostada entre a porta do quarto e a porta da sala, para a água-furtada onde guardo as pinturas que não tenho querido vender

Sim, a comida estava boa, diz o Åsleik

e eu não digo nada e continuamos a comer, mas a comida não me sabe a nada de especial e vejo que o Åsleik bebe o resto da cerveja

Soube bem, sim, senhor, diz ele

e a seguir bebe a vodca de um só trago e eu não digo nada

Obrigado pela refeição, diz o Åsleik

Soube-me realmente muito bem, diz ele

e ficamos ali sentados em silêncio

Hoje não estás para muitas falas, diz o Åsleik

e eu não digo nada e continuamos ali sentados e calados e depois o Åsleik diz que vai para casa para que eu possa ir deitar-me já que estou cansado e depois diz obrigado pelo jantar e vemo-nos na véspera de Natal de manhã cedo ou antes do meio-dia, o melhor seria pormo-nos a caminho logo que haja alguma claridade, portanto se eu pudesse ir ter a casa dele aí por volta das nove horas seria bom, diz o Åsleik, mas, na verdade, o melhor seria ele ligar-me quando achasse estar quase na hora de zarpar, diz ele, e diz uma vez mais obrigado pelo jantar, estava realmente muito saboroso e depois leva consigo a sua garrafa de vodca e deixa ficar a garrafa de cerveja vazia e eu digo vemo-nos em breve e vejo o Åsleik dirigir-se para o corredor e eu ponho-me de pé e começo a levantar a mesa e penso que o Åsleik mal chegou e já se foi embora, penso eu, e a seguir ouço o ruído do motor do tractor dele e vou sentar-me na minha cadeira junto da mesa redonda a olhar para a água, para o Lago Sygne, para o meu ponto de referência ao longe e pergunto porque me sento eu sempre aqui a olhar continuamente para o meu ponto fixo, para as ondas ao longe, apesar de já ser noite e estar escuro, eu devia ter ido deitar-me, penso eu, e penso que não compreendo isso, tal como não compreendo porque é que quando acordo durante a noite é como se a Ales estivesse sempre ali deitada na cama ao meu lado, sempre, eu acordo e depois levo o meu tempo a compreender que ela não está ali, mas isso não é verdade, porque ela está ali realmente, continuamos deitados um ao lado do outro agora tal como quando ela estava viva, penso eu, e depois penso que não sei nada, que nada parece ter significado, sim, a única coisa com significado é aquilo que no sentido normal não tem significado, ou seja, que Jesus Cristo foi crucificado, morreu e ressuscitou, e quando

isso aconteceu a morte, que entrou no mundo quando o mundo se tornou o mundo tal como o conhecemos com o seu ciclo perpétuo de vida e morte, foi banida da realidade humana, é claro que uma pessoa morre neste mundo visível, neste mundo tal como este sempre tem sido desde aquela questão incompreensível a que chamamos A Queda do Homem, e o corpo desaparece, quer apodreça no seio da terra ou seja cremado num forno, desaparece de uma maneira ou de outra, o visível desaparece, mas a alma é elevada pelo espírito, renasce em Deus e com Deus, porque Jesus Cristo anulou o mundo antigo, Jesus Cristo, o Filho de Deus, e as pessoas pensam sobre isso literalmente, como se Deus fosse uma espécie de pai humano e Jesus Cristo uma espécie de filho humano de um pai humano e então não é de admirar que as pessoas achem que isso é um mero disparate e um absurdo, pois é obviamente em sentido figurado que dizemos que Deus é Pai e Jesus Cristo é Filho e que o Espírito Santo é a força criadora e mediadora entre ambos, tudo isso é simplesmente um modo de tentar exprimir algo em palavras, e na verdade não importa se foi ou não assim que realmente aconteceu, desde que aconteça no coração, na alma, porque o espírito, o Espírito, é real, tal como é a Queda do Homem, seja ela o que for, também é só um modo de dizer que houve uma ruptura entre Deus e o Homem quando a morte entrou no mundo, e a causa da morte, não, isso nunca poderemos saber, *certum est quia impossibile est*, mas, bem, eu penso e repenso e não compreendo o que penso, e não sei em que é que acredito e não acredito, mas para mim Deus está perto, e está longe ao mesmo tempo, inteiramente perto e inteiramente longe, e de algum modo aproximamo-nos mais de Deus em Jesus Cristo do que a pensar em Deus sem quaisquer características humanas, sim, do que a pensar em Deus como uma entidade com quem no passado era possível dialogar e com quem era possível estar como se fosse qualquer outra pessoa, sim, tal como eu agora posso estar com o Åsleik, penso eu, porque depois de eu ter conhecido a Ales e de ela me ter levado à Igreja de São Paulo, sim, sim, então, penso eu, e penso que não quero pensar mais na Ales e penso que é evidente que não se pode

chegar à fé através da razão, a fé é graça, um dom da graça como se costuma dizer, e se uma pessoa tem fé então também sabe o que é a graça, mas se não tem fé então também não sabe o que é a graça ou o que é um dom da graça, não sabe que tudo é dom, penso eu, mas de qualquer modo isto são apenas palavras, e as palavras mentem sempre, eu nunca acredito nas palavras, e também não acredito naquilo que penso com as palavras, penso eu, e penso que é só nas minhas pinturas, quando consigo pintar bem, que algo pode ser dito, sim, uma pequena coisa, sobre aquilo que vivi e que sei, e então isso é dito não pela imagem em si, não pelas cores, pelas formas, não por tudo o que existe na pintura e nem por aquilo que a pintura possa representar de uma forma ou de outra, mas simplesmente pela sua distinta unidade de forma e conteúdo num só, o espírito, e essa unidade, esse espírito, é tão invisível como é visível a imagem, a pintura, mas esse espírito é o que a pintura é na realidade, portanto aquilo que a pintura é realmente não é matéria nem alma mas ambas simultaneamente e em conjunto constituem aquilo que eu entendo por espírito, e talvez seja por isso que as minhas boas pinturas, sim, que todas as boas pinturas em geral, têm algo que ver com aquilo que eu, aquilo que nós, cristãos, chamamos o Espírito Santo, porque toda a boa arte tem esse espírito, as boas pinturas, os bons poemas, a boa música, e o que os torna bons não é o material, não é a matéria, e não é o conteúdo, a ideia, o pensamento, não, o que os torna bons é justamente a unidade entre matéria e forma e alma que se transforma em espírito, penso eu, não, já não estou a pensar com clareza, penso eu, e quantas vezes não tive já esse pensamento, penso eu, que por haver um espírito nas pinturas então pintar pode ser comparado a rezar, pintura é oração, penso eu, as pinturas que eu pinto são ao mesmo tempo oração e confissão e penitência, do mesmo modo que os bons poemas também o são, sim, poder-se-ia dizer que toda a boa arte acaba por ser assim, dado que toda a boa arte encontra o seu caminho para o mesmo lugar, penso eu, e penso que esses pensamentos provavelmente são tão insensatos como todos os meus outros pensamentos, penso eu aqui sentado a olhar através da

janela, para a escuridão lá fora, para o meu ponto de referência fixo, a meio do Lago Sygne, para as ondas e vejo o Asle sentado na Casa de Pasto e ele levanta a caneca de cerveja para brindar e a Siv levanta o copo e brindam e então o Asle diz que há vários cafés, restaurantes e bares em Björgvin mas ele sente-se melhor na Casa de Pasto do que, por exemplo, no Café dos Artistas, porque na Casa de Pasto há pessoas reais e genuínas, enquanto no Café dos Artistas só há arrivistas, é como se tivessem sempre qualquer coisa em mira, lá todos os clientes habituais parecem querer qualquer coisa, sem que isso seja um desejo verdadeiro, é apenas algo artificial, algo rígido, que simplesmente se quer, algo mundano sem nada de celestial, diz o Asle, e também é como se todos fossem amigos e gostassem uns dos outros, e comportam-se como se assim fosse, mas na realidade todos competem uns com os outros, mas sem dar a entender que o fazem, e cada um finge ser igual a si próprio, ser original ou lá o que é, e é por isso que todos acabam por se parecer uns com os outros e ninguém é genuíno, todos são imitadores, porque todos tentam parecer originais, isso faz com que cada um não passe de um imitador, e provavelmente é isto que é a cultura, diz ele, é talvez simplesmente por uma pessoa ser como outra pessoa que se cria uma cultura, como por exemplo usar fato e gravata, enquanto o que a arte é, sim, a arte é todos serem apenas iguais a si próprios, e totalmente iguais a si próprios, diz o Asle, e na Casa de Pasto não há uma única pessoa que seja parecida com outra pessoa, excepto estarem todos a beber cerveja e a fumar e terem sido, na sua maioria, marinheiros, mas é como se a vida em si os tivesse forçado a ser aquilo que se tornaram, a vida fê-los tornar-se eles próprios, diz o Asle, e a Siv diz-lhe que não exagere e depois segura a mão dele e ficam ali sentados de mãos dadas

Então tu és casado e tudo isso, diz ela

E és pai, diz ela

e o Asle não sabe o que há-de responder-lhe e então a Siv diz-lhe que já não vai aguentar muito mais esta situação, ou ele deixa essa tal Liv ou então a relação dos dois chega ao fim, diz ela, e algo se rompe

e se quebra no interior do Asle e ele não sabe o que há-de dizer ou o que há-de fazer e então diz que vai tentar alugar um quarto para si e a Siv diz que eles os dois podem viver juntos, ela alugou um apartamento e eles podem ir para lá viver os dois e o filho dele poderá vir visitá-los, é provavelmente demasiado pesado para ela ter de pagar sozinha um aluguer completo, mas se forem os dois a pagar a renda é possível que funcione, porque as bolsas de estudo para artistas não chegam para viver desafogadamente, diz ela, e o Asle sente que o amor que tem pela Siv está quase a enlouquecê-lo e é-lhe difícil ir simplesmente para casa, onde estão a Liv e o filho deles, e tentar comportar-se normalmente e então a Siv diz que não gosta muito de estar na Casa de Pasto e o Asle diz que aquele é provavelmente um local mais indicado para velhos lobos do mar do que para mulheres jovens e a Siv diz que eles podem ir para casa, para o apartamento que ela alugou e diz que pode fazer jantar para os dois e também que tem vinho e cerveja em casa, diz a Siv, e o Asle responde que vai só acabar a sua caneca de cerveja e a seguir podem ir e a Siv diz que ele também pode acabar de beber a caneca dela e então pergunta-lhe o que faz a Liv e o Asle diz que ela trabalha por turnos num Lar de Convalescência mas que ela falou em terminar as disciplinas do Secundário que são necessárias para ser admitida na Escola de Enfermagem

Ela vai conseguir, ela é esperta, diz a Siv

Sim, diz o Asle

e acaba de beber a sua caneca e a Siv bebe um gole da sua e poussa-a depois em frente do Asle, a seguir ambos enrolam um cigarro e ficam ali sentados a fumar e a Siv diz que começa a pensar se não devia desistir da Escola de Belas-Artes, agora que viu aquilo que os outros estudantes conseguem fazer, sim, é como se aquilo que ela é capaz de fazer fosse muito pouco, e o Asle pergunta-lhe então o que é que ela tenciona fazer e ela responde que gosta de literatura e que sempre foi boa em línguas, então talvez fosse melhor ela ir antes para a Universidade, diz ela, lá poderá estudar literatura ou línguas, diz ela, mas nesse caso será provavelmente professora e se há coisa que ela não

deseja é ser professora, portanto não sabe bem, diz a Siv, e apaga o cigarro e diz que está na hora de irem andando, agora vão para o apartamento que ela alugou, diz ela, e teve sorte em tê-lo alugado, diz ela, mas era demasiado caro, apesar de os pais serem generosos e lhe darem algum dinheiro todos os meses, diz ela, e o Asle acaba de beber a caneca de cerveja da Siv e depois levantam-se e saem e caminham ao lado um do outro

Não queres dar-me a mão? diz a Siv

Oh sim, diz o Asle

e eu continuo sentado aqui na minha cadeira a olhar para o meu ponto de referência ao longe no Lago Sygne, e apesar de estar escuro consigo ver muito nitidamente a água, vejo as ondas, que esta noite não são muito altas, penso eu, e levanto-me e olho para o cavalete vazio e aproximo-me dele e fico ali de pé a olhar para o cavalete onde já não está nenhuma pintura e não consigo lembrar-me da última vez em que não esteve uma tela ali sobre a parte interior dos caixilhos, olho para o cavalete vazio e vejo o Asle a descer a rua desde a Casa de Pasto, vestindo o seu casaco de veludo preto, com a sua mala de couro castanha ao ombro e vai de mão dada com a Siv mas vai a pensar que ele e a Liv agora são casados, e serão mesmo casados? claro que são, casaram-se no Registo Civil, onde estavam presentes a Liv, ele e as testemunhas dele e dela, a Liv tinha escolhido a irmã para sua testemunha de casamento e então o Asle pensou que podia perguntar a um seu companheiro de longa data, o seu melhor amigo de infância, Tor, se ele queria ser sua testemunha de casamento e este tinha aceitado, se bem que ele e o Asle já não falassem desde a Escola Básica, sim, desde que o Asle interrompera o nono ano e se mudara para Stranda, mas o Asle não sabia a quem mais podia pedir e então telefonou ao Tor e tiveram uma conversa agradável, tudo continuava como dan-tes, e o Tor contou-lhe que depois da Escola Básica tinha frequentado a Escola de Agronomia em Utvik durante um ano e que estava a tomar conta da quinta da família desde que o pai dele deixara de ter saúde, ele não sabia exactamente o que se passava com o pai mas se não era

uma coisa era outra e portanto ele tornara-se agricultor, tinha três vacas e mais de cem ovelhas, na verdade era produtor de gado ovino, e gostava de ser agricultor, disse o Tor, sim, era muito melhor ser agricultor do que andar na escola, e rico nunca ele seria, mas ganhava o suficiente para se sustentar e talvez um pouco mais, disse ele, e então o Asle disse-lhe que seria um casamento muito simples, aquilo a que se chama cerimónia civil, pois enquanto os outros tinham recebido o crisma ele tinha abandonado a Igreja Estatal, por isso não seria nenhum tipo de casamento religioso, disse o Asle, e o Tor disse que o Asle provavelmente tinha sido a primeira pessoa lá da aldeia que não se tinha crismado, e na aldeia não havia mais ninguém que usasse o cabelo tão comprido como ele, disse o Tor, e o Asle respondeu que isso era algo de que se orgulhava, sim, recusar-se a ser crismado e ter abandonado a Igreja Estatal e que também não se arrependia de ter abandonado a escola no nono ano, nos primeiros tempos tinha sido difícil, em casa simplesmente gritavam com ele, não o Pai, mas a Mãe resmungava com ele constantemente, então ele alugou um quarto numa cave em Stranda, e depois veio tudo ao mesmo tempo, e para conseguir algum dinheiro para um pouco de comida e materiais de pintura começou a pintar quadros a que chamava *Barco na Tempestade* e que ele expunha para vender diante da escada do Hotel Stranda, e eram sobretudo pinturas de barcos à vela na tempestade e diabos o levassem se não os vendesse, pois era assim que ganhava dinheiro suficiente para se governar, e então conheceu uma rapariga chamada Liv que trabalhava como empregada de quarto no Hotel Stranda, ela ficou grávida e tiveram um filho e agora iam casar-se, foi a Mãe que insistiu para que se casassem e por fim eles pensaram que devia ser o melhor, uma vez que a Mãe dissera que ela e o Pai lhes pagariam a boda, e agora ele tinha começado a frequentar a Escola de Belas-Artes em Bjørgvin, pois tinha sido admitido, e apenas por mérito das suas pinturas, e ele e a Liv tinham alugado um apartamento na Residência Estudantil, sim, e foi por terem uma criança que lhes permitiram alugar lá um apartamento e, agora sim, iam casar-se no Registo Civil e

ele precisava de uma testemunha de casamento e estava contente e grato por o Tor ter aceitado, causava-lhe incómodo ir telefonar-lhe sem mais nem menos a pedir isso, e o Tor disse que obviamente podia ser testemunha dele mas que não ia a Bjørgvin desde criança, por isso nunca seria capaz de se orientar lá, disse ele, e o Asle disse-lhe que apenas tinha de apanhar o autocarro até ao Terminal de Autocarros e ele iria lá buscá-lo e quando chegasse a hora de regressar a casa o Asle acompanhá-lo-ia ao Terminal dos Autocarros, por conseguinte ele não precisava de se preocupar com isso, disse ele, e o Asle disse que uma vizinha deles na Residência Estudantil lhes tomaria conta do filho enquanto eles estivessem a casar-se no Registo Civil, disse ele, e depois iriam celebrar a boda no Café Grand, numa sala privada, só eles os quatro, comeriam lá uma grande refeição com tudo incluído e a seguir iriam para casa, para o apartamento na Residência Estudantil e o Tor podia pernoitar lá, a Liv tinha perguntado a uma irmã se ela podia ser sua testemunha de casamento e esta tinha aceitado, portanto seriam eles os quatro, disse o Asle ao telefone e informou em que dia iria ser o casamento e o Tor chegou a Bjørgvin com o seu melhor fato e o Asle tinha comprado um na Loja de Artigos Usados em Skutevika, era lá que ele comprava toda a sua roupa desde que se mudara para Bjørgvin, e a Liv tinha pedido emprestado o vestido de noiva da sua irmã, que lhe assentava quase na perfeição, e depois o Asle tinha-lhe comprado um buquê de noiva e o cortejo nupcial apanhou um táxi primeiro para o ateliê de um fotógrafo, porque queriam tirar uma verdadeira fotografia de casamento, ele não sabia realmente porquê mas era assim que costumava ser, pensa o Asle, depois apanharam outro táxi para o Registo Civil, onde se casaram e a seguir apanharam ainda outro táxi para o Café Grand e ficaram na tal sala privada, aí encomendaram um *menu* completo e beberam uma grande quantidade de vinho, então a Liv começou a dizer que o Asle só se tinha casado com ela porque fora por assim dizer obrigado, dado que os pais dele assim queriam, e porque eles tinham um filho em comum e ele disse que de qualquer modo agora já eram casados e ela continuou a beber e a beber

e depois beberam café e *cognac* e o pai do Asle tinha-lhe dado dinheiro para ele pagar tudo, e ele pagou pela sala privada e pela boa comida e pelas boas bebidas, e a seguir o cortejo nupcial apanhou um táxi para a Residência Estudantil, eram ele, a Liv, o Tor e a irmã da Liv, e quando saíram do táxi a Liv deu um grito alto na escuridão e em seguida atirou o buquê de noiva directamente à cara do Asle mas este conseguiu agarrá-lo antes que caísse no chão, e correram debaixo de chuva para o apartamento na Residência Estudantil e o Asle levava na mão o buquê de noiva e a Liv quase berrava enquanto andava e a irmã ia tentando consolá-la, o Tor e o Asle caminhavam ao lado um do outro atrás da Liv e da irmã e ficaram cá fora à espera que a Liv e a irmã apanhassem o elevador e depois entraram no prédio e subiram no elevador e quando entraram no apartamento a Liv tinha-se estendido no sofá e a irmã dela olhou para eles e abanou a cabeça e o Asle pôs o buquê sobre a mesa da cozinha e disse que agora já eram casados, ele e a Liv, e a irmã da Liv disse-lhe que agora já era casada e a Liv respondeu que se lixe, se isto é que era ser casada, então ela não estava interessada nisso, porque o Asle não queria saber dela para nada, e ela nunca se tinha apercebido disso tão nitidamente como hoje, o dia do seu casamento, disse ela, e a irmã disse que ela não sabia o que estava a dizer, tudo tinha corrido tão bem e a fotografia de casamento iria ficar bonita sem dúvida e então a Liv levantou-se e apanhou o buquê da mesa da cozinha e atirou-o ao chão e a irmã foi apanhá-lo e disse-lhe que ela agora precisava de se acalmar, a melhor coisa a fazer seria provavelmente ir deitar-se, disse ela, e ela ajudá-la-ia a despir o vestido de noiva e entraram ambas no quarto e o Asle ouviu a Liv a chorar e a irmã a confortá-la e então disse que tinha comprado uma garrafa de uísque e encheu um copo grande para o Tor e um copo grande para si e disse que precisavam de um pouco de água para obter a mistura com a intensidade exacta, mas teria de ser o próprio Tor a decidir se queria a bebida muito forte ou não, disse o Asle, e abriu a torneira e despejou um pouco de água no seu copo, provou, acrescentou um pouco mais de água e o Tor fez o mesmo e depois

entraram ambos na sala e sentaram-se e o Tor comentou que tinham um apartamento jeitoso e o Asle disse que eles tinham realmente tido sorte em alugar um apartamento na Residência Estudantil, e que até nem era assim tão dispendioso, embora fosse relativamente caro, mas ele recebia uma quantia que era uma bolsa de estudo para artistas e a Liv fazia alguns turnos num Lar de Convalescença, por conseguinte iam-se governando bem, quanto à boda tinha sido paga pelos pais dele, pois a Mãe tinha insistido tanto para que eles se casassem, até que ele finalmente anuiu e acabaram por se casar, então o Tor perguntou-lhe se ele a tinha pedido em casamento e o Asle respondeu que nunca a tinha pedido em casamento e disse que simplesmente tinha acontecido eles casarem-se, pois tudo iria continuar como antes, disse ele, e o Tor disse que não ficou com grande vontade de se casar depois de ter assistido ao casamento deles e desataram os dois a rir e riram e riram até que por fim o Asle conseguiu parar de rir e disse que talvez nem todos os casamentos fossem necessariamente como este e o Tor disse que desejava sinceramente que não mas certeza absoluta não podia ter, disse ele, e depois ficaram ali sentados em silêncio um bom bocado e então o Asle perguntou ao Tor se lhe apetecia ir deitar-se, havia uma almofada e um edredão debaixo do sofá onde estavam sentados, que era um sofá-cama, disse ele, e o Tor respondeu que de facto estava extremamente cansado e sentia que já tinha bebido mais do que suficiente, disse ele, e levantaram-se ambos, o Asle abriu o sofá e o Tor disse que este era portanto um sofá-cama, e enquanto o Tor ficou ali de pé com o copo na mão e ia bebendo cuidadosamente um gole de vez em quando, o Asle abriu a cama e agora já só se ouviam os soluços vindos do quarto e então a irmã da Liv saiu e disse que o seu marido ainda estava lá fora à espera dela e disse que tinha sido lastimoso que a Liv se tivesse embriagado tanto e tivesse perdido o controlo, disse ela, mas ela voltaria no dia seguinte, disse ela, ou de qualquer modo dentro de dois dias, disse ela, e riu e o Asle agradeceu-lhe muito por ela ter concordado em ser testemunha de casamento da Liv e a irmã da Liv disse que não havia nada que agradecer e depois felicitou-o

por ser agora um homem casado e disse que já tinha obrigado o marido a esperar por ela tempo mais do que suficiente, e além disso o caminho até Sartor era longo, disse ela, e então despediram-se e o Asle acompanhou a irmã da Liv até ao corredor e disseram adeus e ele voltou para o apartamento e quando entrou na sala de estar o Tor já só estava com a roupa interior vestida e tinha pendurado o restante vestuário no cadeirão e o Tor disse-lhe que estava cansado e esvaziou o copo e foi deixá-lo na bancada da cozinha e o Asle disse-lhe que obviamente iria levá-lo ao Terminal de Autocarros no dia seguinte antes de almoço e o Tor agradeceu e então o Asle disse que devia ser ele a agradecer-lhe pela ajuda, por ter aceitado ser testemunha de casamento dele e o Tor disse que não havia nada que agradecer, mas que tinha sido um casamento e peras, disse o Tor, e o Asle bebeu o resto do uísque que tinha no copo, deram as boas-noites um ao outro e em seguida o Asle entrou silencioso no quarto e viu a Liv ali estendida em cima da cama, por cima do cobertor, ainda com o vestido de noiva, e ele deixou a porta entreaberta e com a luz do corredor despiu-se e pousou a roupa sobre uma cadeira e depois fechou a porta com cuidado e estendeu-se em cima da cama tão silenciosa e cautelosamente quanto pôde e virou-se de lado e pensou que realmente era um disparate terem-se casado, ele e a Liv, mas de qualquer modo tinha sido simpático voltar a encontrar o Tor e poder falar com ele um pouco, pensou o Asle, e perguntou-se como é que tudo isto iria acabar? não, ele não sabia, pensou ele, pensa o Asle enquanto desce a rua com o seu casaco de veludo preto e a mala de couro castanha ao ombro, de mão dada com a Siv, e pensa que na noite do seu casamento, ali estendido sobre a cama, viu imagens diante dos olhos e eram seis imagens diferentes que ele teria de apagar pintando-as, imagens que se lhe tinham gravado na memória e que agora lhe passavam diante dos olhos, uma atrás da outra, havia uma imagem das mãos de Tor e depois outra só com uma das mãos de Tor, ambas de quando ele foi buscá-lo ao Terminal de Autocarros, e ainda uma da Liv inclinada para a frente a ajeitar o vestido de noiva, e outra do rosto do fotógrafo quando este olhou

para eles mesmo antes de lhes tirar uma fotografia, e uma do rosto do empregado a olhar para a mesa, justamente antes de lhes servir o prato de entrada, e ainda uma da irmã da Liv a segurar-lhe no braço depois de ela ter atirado o buquê de noiva contra ele, estas imagens estavam como que pintadas dentro da cabeça dele, como se a cabeça dele fosse uma tela, pensa o Asle, e ele tentou apagá-las todas pintando-as, mas não conseguiu, pensa ele enquanto caminha ao longo de uma rua, com o seu casaco de veludo preto e com a sua mala de couro castanha, e vai de mãos dadas com a Siv mas nenhum deles diz nada e eu estou sentado na minha cadeira a olhar para a escuridão, na direcção do meu ponto de referência fixo ao longe no Lago Sygne, e vejo a água e as ondas tão nitidamente, e não percebo como consigo ver a água, e ver as ondas, apesar de a escuridão ser absoluta, penso eu, e amanhã é antevéspera de Natal e a seguir é véspera de Natal e então vou estar com o Åsleik para festejar o Natal com ele e com a Irmã em Øygna, penso eu, e na realidade não tenho vontade nenhuma de o fazer mas já que lhe disse que sim, bem, então é sim, penso eu, e penso que é como se me tivessem roubado todas as forças e preciso de me ir deitar, sinto-me tão desgastado, é como se nem sequer tivesse forças para me pôr de pé e ir-me deitar, penso eu aqui sentado na minha cadeira a olhar para o meu ponto de referência ao longe no meio do Lago Sygne e olho para as ondas e vejo o Asle e a Siv de mãos dadas a descer uma rua em Bjørgvin e depois sobem umas escadas e a Siv abre a porta do apartamento que alugou e o Asle entra e fecha a porta atrás de si e então a Siv põe os braços à volta dele e mantém-no apertado contra si e beijam-se demoradamente e então a Siv diz que o apartamento não é nada de especial mas é um sítio onde se pode viver, diz ela, e a seguir entram numa divisão que é ao mesmo tempo ateliê e sala de estar e o pavimento está quase todo coberto com desenhos e pinturas

Eu prefiro pintar no chão, diz a Siv

Vejo que sim, diz o Asle

Também vou experimentar fazer isso, diz ele

Nunca experimentaste? diz a Siv

«E vejo-me de pé a olhar para as duas linhas que se cruzam mais ou menos a meio, uma castanha e outra roxa, e vejo que pinte as linhas devagar com muita tinta de óleo espessa e que escorreu entretanto, e onde a linha castanha e a roxa se cruzam as cores misturaram-se harmoniosamente e eu penso que já não suporto mais olhar para esta pintura»

Aproxima-se o Natal e, pela primeira vez, Asle concorda em passá-lo em casa da irmã de Åsleik, seu vizinho. Mas antes disso, determinado a abandonar a pintura, pretende deslocar-se a Bjørgvin, entregar ao galerista Beyer todos os seus quadros, ir à missa na Igreja de São Paulo e visitar Asle, seu amigo e *doppelgänger*, que se encontra internado no hospital. A partir da vida de todos os dias, Asle prossegue a sua longa meditação sobre o passado, o início do seu percurso enquanto jovem artista promissor e como tudo mudou quando conheceu Ales.

Um Novo Nome é o volume que encerra a *Septologia* do Prémio Nobel de Literatura Jon Fosse. Considerada pela crítica uma das obras mais importantes da literatura contemporânea, constitui uma exploração transcendente da condição humana e uma experiência de leitura única — encantatória, hipnótica e inconfundível.

«*Septologia* impregna o enigma da vida,
que tantas vezes se revela terrivelmente negro,
de uma luz quase beatífica.»

Financial Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN 9789897877636



9 789897 877636 >